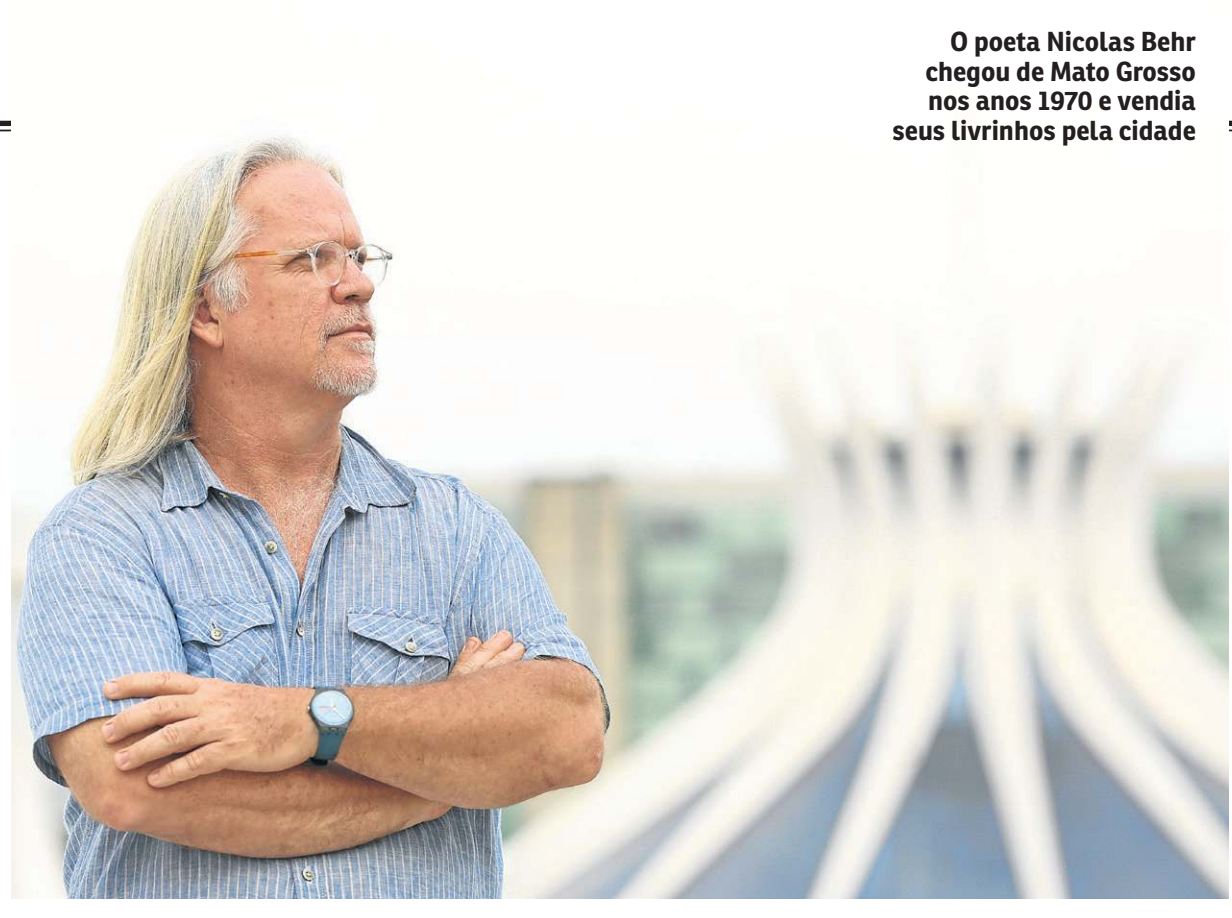
A cidade que cabe num GUARDANAPO



O poeta Nicolas Behr chegou de Mato Grosso nos anos 1970 e vendia seus livrinhos pela cidade

Celso Junior

Ontem, 31 de outubro, foi celebrado o Dia Nacional da Poesia no Brasil. Em homenagem à data, poetas contam como os versos chegaram à vida e a Brasília, entre cadernos, gavetas e superquadras

POR GIOVANNA KUNZ

O poema pode surgir a caminho do banco, no meio do atendimento a um cliente, numa rede ao fim da tarde ou na margem de um guardanapo. Em Brasília, cidade de muita gente que chegou de longe, poetas de gerações diferentes dizem a mesma coisa. A poesia não avisa que está chegando. "Quando o açude transborda, e você nunca sabe quando isso vai acontecer", descreve o poeta Nicolas Behr, 68 anos.

Behr chegou de Mato Grosso em meados dos anos 1970, aos 17 ou 18 anos. "Eu saí do mato para cair na maquete", diz ele, ao se lembrar de um dos primeiros poemas que escreveu na capital, SQS ou SOS. O título brinca com a sigla das superquadras sul, que, sem o "rabinho" do Q, vira um O. "Foi um dos primeiros poemas que eu escrevi diante do meu desespero de chegar a uma cidade totalmente diferente, totalmente nova", conta.

Em 1977, lançou o livrinho *Iogurte com farinha* e saiu vendendo pela cidade. "Como eu era muito jovem, muita gente não acreditava que eu tinha escrito aquilo", lembra. As reações, segundo ele, foram boas, mas nem todos aprovaram. "Claro, os acadêmicos não gostaram. Os mais sérios, sisudos, falavam que aquilo nem era livro, porque não ficava em pé, e aquilo também não era poesia, porque era curtinha, era irônica, jocosa."

Antes disso, a poesia tinha cara de obrigação. "Na escola, eu era obrigado a decorar alguns poemas de poetas parnasianos, simbolistas, e eu achava que aquilo era poesia", afirma. Depois, descobriu que "poesia podia ser uma coisa muito mais alegre, muito mais divertida", com autores modernistas, como Oswald de Andrade e Drummond. Só foi virar poeta, ressalta, "muito tempo depois".

As dores e as delícias da chegada

Décadas depois, outra poeta também escreveu sobre a chegada. Mariana Conceição, 27, bacharel em serviço social, mestranda em direitos humanos e poeta, publicou *Piloto* no impulso de tomar um novo caminho. O poema fala de sua vinda do Rio de Janeiro para a capital, descrita como "um tanto dolorosa e deliciosa". Ela começou a escrever aos 14 ou 15 anos, sobre os amores e a vida como mulher negra, e guarda até hoje os cadernos que compra todo ano para suas escritas. "Sempre digo que a poesia entrou na minha vida por necessidade de contornar as fissuras da minha vida", afirma.

Mariana lembra que mostrou versos a melhores amigos e foi recebida com carinho. "A escrita nunca é algo totalmente pessoal. A partir do momento em que ela vai para o mundo, ela deixa de ser minha